



JOÃO MARIA
GUSMÃO & PEDRO
PAIVA

— 0 —
PROBLEMA
DE
MOLYNEUX
— 0 —





O Problema de Molyneux

A decorative flourish consisting of a horizontal line with ornate, symmetrical scrollwork at both ends and a central floral-like motif.

Na minha rua ao cair da noite vê-se todos os dias a mesma coisa: saem todos os clientes da tasca, o Lopes, o Beto, o João e a “Gorda” e, do lado de dentro, o Paulinho puxa o estore de ferro, fecha a luz, e depois de cócoras, passa por baixo do estore para encerrar o estabelecimento, vê lá Paulinho que ainda te peidas, e todos de garrafa de cerveja na mão riem-se e ficam para ali no princípio do fim da mesma bebedeira, tarde após noite, sempre os mesmos, sem nada para fazer enquanto tudo se movimenta a sua volta. Percebe-se minutos depois que a Lisboa autêntica é também um mictório público, entre os carros estacionados o Lopes arrotava bem alto e esvazia a bexiga, Ahhh diz ele, e deve sentir-se bem aliviado, os outros riem-se outra vez, estás a ver a chinesa a subir a rua, diz o Beto, elas têm todas o pito atravessado, não é Paulinho? Diz-se que com a cena assim de lado aquilo aperta bem o caralho, e pisca o olho, isso não existe, diz a “Gorda”, eu trabalhava com uma chinesa nas limpezas e ela tinha a cona direita como eu. A “Gorda” é a primeira a chegar à tasca, imagino que esteja desempregada ou que agora faça pequenos trabalhos domésticos de outra natureza. Se calhar tu também a tens atravessada, responde o Paulinho. Vocês é que só viram a cona da vossa mãe, e a “Gorda” faz aquele gesto obsceno de quem bate uma punheta querendo com isso dizer que eram todos uns entalados. E eram mesmo. Nunca vi o Lopes, o Beto, o João e o Paulinho com outra mulher que não a “Gorda” ou as respectivas mães. Noutra ocasião, o Lopes, sem dúvida o que mais bebe, chegara quase a vias de facto com os amigos, uma coisa é dizeres que sou mentiroso e isso até aceito, agora chamares-me bufo e outras coisas, isso é que não pode ser, enrolava então as mangas da t-shirt e com a garrafa vazia agarrada pelo gargalo preparava-se para saltar para cima do Beto. O Paulinho, dono da tasca, tentava separar os dois, mas eu chamei-te alguma coisa, berrava o Beto, por acaso chamei-te alguma coisa? disseste que eu ouvi, diz o João, chamaste ao Lopes filho da puta

que ouvi. Chamei? chamaste, mas eu sei que não foi por mal, o Lopes estava vermelho de raiva, mas o Beto aquiesceu, o que eu queria dizer era que a tua mãe é tão puta quanto a minha, ó Lopes esquece lá isso, insiste a “Gorda”, tu sabes que ele não está a dizer a sério, se a mãe dele é como a tua não há mal nenhum.

Conclusão do precedente, são raros os casos em que o silogismo tem uma aplicação tão útil em discussões boçais. Verdade seja dita, a “Gorda” e o Paulinho de uma coisa entendem, contra todos os raciocínios bastardos fazem questão de se reger por uma certa lógica: O Lopes é filho da puta/ A mãe do Beto é tão puta quanto a mãe do Lopes/ Logo, ou são os dois filhos de senhoras que exercem actividades profissionais remuneradas relativas ao coito, ou então a primeira premissa é falsa e nem um nem outro são filhos de uma rameira. A chinesa tem o pito atravessado/ A “Gorda” tem a cona igual à chinesa/ Logo, ou têm ambas uma grave anomalia fisionómica no vestíbulo vaginal, ou então a primeira premissa está errada, e têm as duas o sexo idêntico a qualquer outra mulher.

O que atribui uma indecisão relativamente às duas soluções apresentadas é o seu afastamento da argumentação *in strictu senso*. A lógica clássica não comporta variáveis de taberna, uma premissa ambígua resulta sempre em sofisma, ora, em discussões desta natureza a ambivalência da premissa é precisamente o que confere validade aos vários e possíveis postulados que daí advêm. Para a lógica aristotélica prevalece o princípio de identidade, o princípio de não contradição e o princípio de terceiro excluído, coisa que não se confirma na interpretação aberta das verdades aludidas. A lógica da tasca é vagamente *paraconsistente* e *intuicionista* ao mesmo tempo: o princípio de terceiro excluído é mais ou menos sólido (o Lopes, das duas uma, ou é ou não é filho da puta, não existe outra hipótese), o princípio de não contradição é quase coerente (ele não pode ser e não ser filho da puta coincidentemente), mas o princípio de identidade não tem estrutura (quantas cervejas bebeu o Lopes? Dificilmente se poderá dizer que está igual a si mesmo).

Conclusão irregular do precedente, só quando o Lopes está fora de si, quando está bêbado, é que se lhe pode atribuir impunemente o insulto de FDP porque só nestas circunstâncias este se aplica sem sombra

de dúvida, afinal sempre me mijou à porta de casa.

Na noite antes de voarmos para o Quénia perguntava ao Pedro, quantos livros levavas? Não sei, dizia ele cansado, ainda não fiz as malas, não te esqueças de levar aquele livro pequeno do Diderot, referi. Era a *Carta sobre os cegos, para uso daqueles que vêem*, onde viemos a descobrir o problema de Molyneux: “Supõe-se um cego de nascença, que se tenha tornado um homem feito, e a quem se ensinou a distinguir, pelo tacto, um cubo e um globo do mesmo metal e aproximadamente da mesma dimensão, de modo a que, ao tocar num e no outro possa indicar qual é o cubo e qual é o globo. Supõe-se que, estando o cubo e o globo em cima de um a mesa, esse cego recupere a visão; e pergunta-se, se vendo-os, sem lhes tocar, poderá discerni-los e dizer qual é o cubo e qual é o globo.” Mais tarde no livro, Diderot perguntava a outro cego, “o que é um espelho?” ele respondia, “é uma máquina”.

Já no Quénia ao sair de um restaurante reparámos num homem da nossa idade, caminhava descalço, os olhos brancos e leitosos, a rede de pesca ao ombro. Hassan, o nosso guia, cumprimentou-o da mesma forma que dizia olá a toda a gente, conheces? perguntámos, claro, é o Solar, chamamos-lhe assim porque é um pescador cego, diz-se que consegue saber se a maré está a subir ou a vazar só porque sente o sol nas costas.

Fomos falar com ele, perguntámos-lhe, “o que é um cego?” ele respondeu, “um cego é um espelho”. Convencemo-lo a filmar essa mesma noite no pátio vazio da casa onde estávamos alojados... Abre bem os olhos e quando dissermos, 1, 2, 3, trinca uma destas papaias, a câmara não tem som e vai filmar muito rápido, são só cinco minutos, mas eu não posso trincar a papaia com casca, o Hassan concordou, tem que se cortar a casca no sítio onde ele vai morder porque senão a casca da papaia arde muito, arde nos lábios. Solar queixava-se, as luzes estavam muito próximas, faziam calor, vamos só repetir mais uma vez, abre bem os olhos e depois morde com força e mastiga, consegues abrir mais os olhos? é a luz, faz muito calor... só mais uma vez para termos a certeza que ficou bem.

Durante a tarde, enquanto planeávamos o que iríamos fazer com o nosso protagonista, falávamos assim... imagina o plano, câmara perto

da cara, slow-motion, para aí 1500 imagens por segundo, isso dá o quê? 5 segundos de acção depois transpostos para 3 minutos, sim, só a cara e ele com os olhos abertos a comer uma fruta; ver um cego comer uma fruta é como vê-lo a saborear a natureza invisual das coisas, aquilo que nunca poderemos imaginar mas que o cego por prescindir da visão acede plenamente, metafísica comestível, uma vertente do materialismo, como se realmente a essência, ao invés de ser inalcançável como diz o idealismo transcendental pudesse ser acedida pelo palato, e nós à distância testemunhássemos esse evento terrível porque os olhos dele são vazios, o seu corpo irrepresentável, ele não nos vê nem presente que o estamos a ver, e também assistíssemos a um acontecimento erótico, porque de facto ele come a fruta como se esta fosse verdadeiramente venérea, libidinal, explicando simultaneamente essa estranha casualidade: que o sexo feminino seja parecido com a papaia.

Conclusão do precedente, Solar vê-se a devorar o mundo, a comer um planeta erógeno e extraterrestre, a fruta-fantasma da genitália feminina.

Em 1926 Freud referia-se pela expressão “um continente negro” ao desconhecimento psicanalítico acerca da sexualidade da mulher adulta. Por mais que tentemos é impossível abstrairmo-nos da conotação colonialista. “A Dark Continent” é o nome do livro que Sir Henri Morton Stanley, explorador britânico do século XIX escreveu a propósito da viagem que fez seguindo o rio Congo durante 999 dias entre 1874 e 1877. Era alegadamente de uma violência brutal contra os indígenas, sendo-lhe lhe também atribuída a frase “Dr. Livingstone, I presume?”, que marca um dos episódios mais literários da exploração britânica, “Yes, and I feel thankful that I am here to welcome you.” Mas Freud não encontrou o feminino, e em 23 chegara a dizer na *Organização genital infantil*, “para ambos os sexos, entra em consideração apenas um órgão genital, ou seja, o masculino. O que está presente, portanto, não é uma primazia dos órgãos genitais, mas uma primazia do *falo*”. Certamente o continente negro é algo obscuro e irrepresentável. A papaia é pois, em vernáculo de taberna, o maior enigma do homem ocidental, e não é de estranhar que o Beto ache que a papaia atravessada existe na quase mesma proporção que a papaia hirsuta caucasiana, afinal a China tem um quarto da

população mundial e a mesma raiz genética estende-se pela Ásia e Oceânia, toda uma província alienígena. Segue-se que a travessia das florestas congolenses deste mundo deve ser feita às apalpadelas muito mais do que de olhos abertos como é recomendado na exploração de territórios ignotos.

Conclusão irregular do precedente, Advogados de São Tomé corrigem que a verdadeira origem do epíteto atribuído ao apóstolo, *O Incrédulo*, não deverá ser *ver para crer, mas sim, tocar para sentir*, “Disseram-lhe os outros discípulos: Vimos o Senhor. Mas ele respondeu: Se eu não vir nas suas mãos o sinal das chagas, e não puser o meu dedo no lugar das chagas, e não puser a minha mão no seu lado, de modo algum hei de acreditar.”

Acreditar em quê? No pito atravessado da “Gorda”!

O Argumento do Terceiro Homem



Quando acabamos de filmar a velha pôs-se doida. Tínhamos pedido que o casal de bêbados dançasse um bocado à frente da câmara. Porque me deram este homem se eu gostava era de outro, virava-se para nós, abria bem os olhos, as mãos no ar agitavam e num gesto obsceno prendia a capolana entre as pernas, punha as mãos no sexo e gritava que tinha muito fogo, fogo ali dentro, depois punha-se a dançar sozinha e roçava o cu nas nossas calças, quero um homem branco para lhe sacar um mulato, dá-me um branco e eu faço um mulato. Atrás, Zendequias explicava ao Pedro, beber álcool todos os dias não faz mal, não faz mal nenhum, quantas línguas falas, parlez-vous français? I speak 27 languages, entre dialectos e outras, I speak 27 languages, beber todos os dias não faz mal, se for em excesso sim, todos os dias não, se se beber muita água morre-se, muita água faz mal, é como rir, quem se ri muito pode cair e bate com a cabeça no chão, morre, mas beber todos os dias é bom. A velha cantava esbaforida, abria os olhos, dá-me fogo ou dinheiro.

Era o último dia que estávamos em Moçambique. Deu para compreender que nada há aqui para perceber, uma senhora francesa uma vez disse-nos que um europeu devia ter vergonha de ir a África, que era criminoso voltar ao lugar do colonialismo, ela tinha razão. Existe sempre um terceiro homem, o colono, o colonizado e o mulato. Com a FRELIMO no poder e na luta armada desde 64, primeiro contra o regime português até 75, e depois contra a RENAMO numa guerra civil até 92, onde se estima terem morrido 1 milhão de pessoas, Moçambique parece à primeira vista incólume das feridas mais profundas do colonialismo. Perguntávamos a um moçambicano albino se tinha alguma anedota sobre portugueses, riu-se, chegou um português aqui a Maputo e surpreendido com tudo isto perguntou a um moçambicano com um ar simpático e bem parecido como se chamavam os filhos da puta em Moçambique, meu senhor, nós não os chamamos, eles é que vêm sozinhos de Lisboa. E lá estávamos nós,

dois filhos da puta em Maputo 38 anos depois da independência, 20 anos depois da guerra civil, a velha bêbada aos berros, os olhos dela raiavam sangue e miséria, dá-me um mulato, dá-me um mulato ou dinheiro meu filho da puta. Ficámos alojados uma semana em casa de um português que se tinha estabelecido nos arredores de Maputo, dizia, vocês têm que perceber uma coisa, os pretos não são coitadinhos, e a seguir, ainda hoje tive que desancar o Silva, disse-lhe bem a sério, o patrão aqui sou eu e a senhora, a seguir são os meninos e a seguir são os cães, percebeste? então repete, e o Silva repetiu, o patrão são os cães, existe sempre um terceiro homem. Quem nasceu primeiro, o ovo ou a galinha. Em Moçambique existem duas galinhas, a africana e a branca, e duas cervejas, a preta e a clara. A galinha africana mal se deixa apanhar, a branca sempre vai para a panela primeiro, é mole e depois de assada menos rija. O albino que contava anedotas disse ainda, aqui no bairro todos me conhecem pelo portuga, nunca fui a Portugal, mas gosto, o meu cunhado que teve lá a trabalhar um ano foi um dia fazer uma fotografia tipo passe, quando viu a foto achou que estava um bocado escura, foi ao balcão e disse, desculpe acho que está um pouco escura, a senhora respondeu, está escura porque o senhor é preto, se fosse branco estava clara, o que é que você quer? o senhor é preto. Esta vai ficar gravada na minha memória, disse o albino, nunca mais me vou esquecer, ria ria, nós ríamos também, ele voltou à loja porque achava que a fotografia estava escura e ela disse, mas o senhor é preto, e ria. Isto foi em Lisboa, filhos da puta. Conhecemos um tipo maluco que não respondia a ninguém, escrevia números e contas de multiplicar no chão, quando via os alunos da escola punha-se aos berros, vocês não sabem matemática, burros, burros! MA-TE-MÁ-TI-CA! Mostrámos-lhe o PI, perguntámos-lhe se ele podia escrever este número enquanto filmávamos, ele olhava para o infinito. Escreves este número e depois continuas e nós filmamos, pode ser? Damos-te um cigarro e filmamos, pode ser? Ele aí levantou-se já com o cigarro na mão, pegou num pau, baixou-se à sombra e começou a escrever. *Pi* é infinito... Espera, depois do 3,14 vem o 1592653589793, não parava de escrever, já não era *Pi*, mas outro número qualquer sem fim, toma outro cigarro, tens sede, a sede é infinita. Lembra-te quem são os patrões Silva, e para nós, estou aqui há 24 anos e nunca bebi água da torneira, nós cá em casa só

água engarrafada. Beber água em excesso mata. Álcool não, se for todos os dias não faz mal nenhum, pelo contrário. Queres um cigarro? tens que perceber uma coisa, depois do 3,14 vêm muitos números, nunca mais acaba, estás a compreender é como estarmos a contar as estrelas, são muitas, para cada uma existe outra e uma infinidade mais de estrelas... quisemos filmar uma galinha africana, disseram-nos, oh, isso é muito difícil, é preciso uma estratégia, Pedro fica aí à espera atrás da palhota eu vou por este lado, quando ela aparecer tu saltas-lhe em cima. Já provaram o prato nacional? Frango assado com piri piri e batata frita, não comas a salada, e quando chegarem a casa têm que fazer a desparasitação. A galinha fugiu, escondeu-se debaixo daqueles bidões de óleo. Depois a câmara avariou.

Fomos ao curandeiro, levámos-lhe a máquina de filmar, dissemos-lhe que a tínhamos tentado reparar e como não ficava boa só podia ser feitiço. Ele olhou para nós, deve ter pensado como nos iria sacar mais dinheiro, olhou para nós e perguntou, quantas pessoas usam a máquina? nós os dois, levou a mão à terra e apanhou daquela areia húmida vermelha, espalhou a terra no banco... vocês têm que perceber uma coisa, olhem ali para a carrinha, está limpa, se eu puser a mão em baixo fico com as mãos sujas, depois quando for a usar o carro sempre que lhe tocar já não vai estar limpo, como este banco, pus a mão suja e agora quem aqui se sentar vai estragar umas calças. O Feitiço não está na máquina, está em vocês, e quem precisa de remédio são vocês e não a máquina. A máquina está boa. Para libertar o espírito da máquina de filmar tenho que vos limpar também. São 60.000 meticais, não é preciso pagar tudo de uma vez, primeiro metade antes do trabalho e depois se der resultado vêm cá pagar o resto. Era muito caro, dissemos que íamos pensar, que depois lhe dizíamos qualquer coisa. Perguntei ao nosso motorista se podiam também haver feiticeiros brancos, ele pensou um bocado... pegou no meu telemóvel, o feiticeiro branco quando faz magia é para o desenvolvimento, está a ver, funciona, inventou o telemóvel para nós o comprarmos, agora podemos falar para toda a gente, o feiticeiro preto usa arbustos, usa arbustos para telefonar? Não, usa arbustos e ervas para fazer remédios. Mas o feiticeiro preto também mata muita gente, não é como o branco que é para o desenvolvimento.

Mata gente se mata. Do outro lado da baía, em Catembe, aí os feiticeiros matam com a trovoadá; lançam um feitiço, cai-te um trovão em cima, morreste. O Samora não morreu de feitiço, eles, os que mataram Samora, sabiam que ele estava protegido em terra, não podiam fazer nada, em Samora o feitiço não colava, tinha que ser lá em cima, foi assim que eles o mataram, porque na terra estava protegido e lá em cima não, foi assim que o avião caiu com o Samora dentro e ele morreu.

Em casa víamos no *youtube* os discursos pós revolucionários de Samora Machel, líder histórico da FRELIMO: “Uns sentem-se orgulhosos, porque foram colonizados pelos ingleses. Os ingleses são civilizados e construíram um grande império. (Risos) E outros porque foram colonizados pelos franceses, pensam que intelectualmente são mais desenvolvidos, mais civilizados, mais evoluídos, porque foram colonizados pelos franceses. (Risos) Eu... eu fui colonizado pelos portugueses, país mais subdesenvolvido da Europa, mas colonialista (Gargalhadas).” “A luta continua! (e o povo repetia, a luta continua), a luta continua! (e o povo repetia, a luta continua) contra o quê?” perguntava Samora.

Explicávamos então ao albino porque queríamos fazer um filme com ele, Vicente, era assim que ele se chamava, Vicente nós não queremos filmar as pessoas na *machamba*, nós não viemos para fazer documentários, viemos porque tudo o que o homem pensa de si próprio é uma mentira, porque o homem não é só ele, é também o que ele vê e transforma, ao dar nomes às coisas, ao contá-las e somá-las, quando compra e vende, só pensa em vender, em comprar tudo o que vê, porque deforma sempre que ordena as coisas para as melhor poder compreender, poder comprar e vender, porque acha que há sentido na vida quando é mentira, comprar e vender. É como estava escrito ali atrás na parede: “o falso génio”, o homem é um falso génio. Vicente, tu és preto, mas ao mesmo tempo não és, porque és branco, mas não és como os brancos mulatos, tu és como um extraterrestre, nem branco, nem preto, nem mulato, vieste do espaço como o homem das cavernas, nem branco nem preto, sem representação, e é esse o nosso trabalho, lutar contra todas as representações, sobretudo aquelas que são abstractas. Vicente, se soubesses como é doentamente hipócrita a arte, porque se acha muito importante, e é feita por gente

vaidosa que se acha importante e com uma sensibilidade preciosa, gatos pretos quartos escuros, o problema é que o nosso raciocínio é demasiado abstracto para evitar isso mesmo contra o qual lutamos, existe aqui uma questão de fragilidade intelectual que importa referir, é que por mais que tentemos o irrepresentável, soçobra sempre qualquer coisa demasiado humana, é um paradoxo, um homem é humano se existir um segundo homem ideal em que possa espelhar a sua humanidade, ora para este segundo homem, não lhe basta olhar para o primeiro, tem que encontrar um terceiro maior e mais humano, esse terceiro faz o mesmo, e assim indefinidamente em regressão infinita, um paradoxo, e que tal, aceitas fazer o filme? Mas qual é o valor da gratificação? 700, se fizerem mil aceito.

Sentados no mercado de peixe de Maputo um velho professor de liceu falou-nos acerca de um mergulhador que conhecia em Inhambane, e que antes da independência trazia as maiores raridades do mar para vender aos turistas portugueses que ali chegavam de toda a parte. Ele trazia animais nunca antes vistos, peixes sem nome, e as coisas sem nome nadam nos fundos, este pescador meu amigo não tinha medo, não pescava mais nada, só peixe sem nome. Um dia, viu um peixe pequenino de baixo de água, ele tinha tanto aquela vontade de apanhar coisas desconhecidas que foi atrás daquele bicho, foi atrás e ele zás, entra numa gruta. Em Inhambane, vocês não conhecem, a água é transparente como o vidro, mas o buraco por onde entrou o peixe pequenino era escuro, e dentro não se via nada, o meu amigo sem medo entrou porque ele queria mesmo aquele peixe pequenino, mas o peixe pequenino entrou na boca de um peixe mesmo grande, e ele foi atrás. Zás, esse monstro fechou a boca e ele ficou lá dentro, é o que acontece quando se querem coisas sem nome. Nunca mais entrou na água esse pescador, mas como é que ele conseguiu sair da barriga do peixe, perguntávamos, isso não posso adiantar, mas saiu, vi-o depois na praia muitas vezes, esse homem nunca mais foi à água, tinha medo, o peixe comeu-lhe o espírito de pescador.

- Abril de 2013
Texto editado por ocasião da exposição *Third man argument*,
Galeria Sies + Höke, Dusseldorf, Alemanha

5 Filmes, Alguns Apontamentos



☪ Solar, o cego a comer uma papaia ☪

Aconteceu por mero acaso um degustador de vinho ter ficado intrigado ao reparar num cego. Foi o que se disse, mais coisa menos coisa, entre estes dois ilustres anacoretas:

Degustador: Deu-se o acidente, Caro Senhor, de, sem lhe pedir licença, ter observado a maneira singular como se serviu da sobremesa. Comeu a papaia sem qualquer arranjo e com pele, escasseando desse acto uma única semente de sobra.

Cego: Comi efectivamente toda a papaia usando para isso unicamente os dentes. A semente que vê no prato é de tudo o que ficou, servindo se lhe aprouver, a prova do que lhe digo.

Degustador: Muito admirado fico de tal feito, pois que é de sabedoria popular que a casca da papaia não se deve comer nem crua nem à dentada. Dela resultam as mais insidiosas maleitas; dolorosos cortes na parte interior da boca, bem como inúmeras inflamações em todo o sistema digestivo. Assim sendo, pois que é possível que nos aconteça sempre o que nos acontece algumas vezes, gostaria que me elucidasse sobre a razão de tão incauta ignomínia para com o seu palato.

Cego: Naquilo que me toca, pouco me afligem essas almas populares de quem o senhor apregoa tamanha sensatez. Aquilo a que chama ignomínia não passa de uma dúvida defeituosa que engana o seu espírito. Para que não continue preocupado com os males da minha digestão, gostaria imediatamente de esclarecer que não sofro qualquer corte ou inflamação ao ingerir uma...

Degustador: Muito me espanta! Continue, continue.

Cego: E para isso assim ser não se esconde nenhum segredo por detrás dos meus dentes. Vou-lhe contar uma história, talvez fique mais

esclarecido sobre as suas próprias crenças...

Degustador: Sou todo ouvidos!

Cego: Andava por aí um jovem místico, adepto dos famosos iogues hindus, a fazer uma jornada de autoconhecimento espiritual, procurando, de aldeola em aldeola, mestres que o pudessem guiar e aconselhar quanto à maneira como deveria viver. Avistando um ancião ensinando seus jovens alunos de baixo de uma grande árvore, aproximou-se, e pedindo a bênção, sentou-se com os demais. Era hora do jantar. Todos começaram a comer a sua refeição e o viajante aproveitou para fazer o mesmo. Quando já todos tinham terminado e o jovem ainda no início estava, comendo lentamente, em uma ruminação meditativa, o ancião que o observava perguntou-lhe: diga-me, jovem estrangeiro, porque come assim? O jovem respondeu que comia daquela maneira, cuidadosamente, para que os alimentos fossem melhor assimilados pelo intestino. O ancião pôs-se então a explicar, com benevolência, o que se segue. Mastigando o alimento com tanto cuidado reduz o trabalho do seu estômago, habituando-o à preguiça, por falta de exercício natural. É o contrário o que deve ser feito. Na sua idade é preciso engolir pedaços inteiros, se possível engolir ossos, para fazer trabalhar o estômago. – Muito me espanta! Assentiu o jovem místico. Caro jovem, prosseguiu o ancião, sobre este assunto contar-lhe-ei uma história que me é familiar. Um dervixe costumava visitar a margem de um riacho dando-se conta todos os dias que era um novo riacho o que via sempre. Averiguava também, nas suas observações, como eram múltiplas as partes que compunham aquelas terras. Gastava o seu tempo atribuindo realidades próprias às pedras, às árvores, às flores, dedicando a cada uma delas um interesse profundo, procurando encontrar a realidade material desses campos a partir das suas impressões. Certo dia, enquanto prosseguia os seus estudos, desta vez trincando pequenas pedras para lhes sentir o paladar, o dervixe foi assaltado pela presença de um poeta que por sua vez demonstrava um grande espanto no que via. Muito me espanta que esteja a comer pedras! Sobre isso, disse o dervixe, gostaria de lhe contar uma história que se passou na Grécia Antiga. Quando, um dia,

interpelado por alguém que se admirava de tudo, o poeta satírico Tímon contestou: Por que não te admiras de que nós, embora sejamos três, tenhamos apenas quatro olhos? De facto, Tímon tinha apenas um, e seu discípulo Dioscurides também, enquanto a pessoa a quem ele se dirigia era normal. Tímon proseguiu deste modo, contaram-me a seguinte história sobre um degustador de vinhos que admirado com a sagacidade com que um cego de nascença comeu uma papaia inteira e à dentada se pôs a divagar sobre as qualidades organolépticas, que é como quem diz, a constituição íntima do vinho.

Degustador: Certos vinhos possuem aromas florais e noutros casos perfumes frutados fazendo lembrar abacaxi, ou marmelo, noutros pão torrado e mel. Por vezes encontram-se complexos sabores que podem viajar entre a baunilha, caramelo, coco, nozes, tabaco e trufas. Podendo também, dependendo da acidez e do corpo do vinho, ser leve como a primavera ou mais amplo, rico, forte ou generoso.

Cego: Mas isso o que é, é muito estúpido, como pode o senhor ver tantos sentidos ocultos para além da composição do vinho quando o bebe. As coisas são o que são, a sua existência apenas. Se o vinho fosse pão torrado não era vinho. Graças a deus que o vinho é só vinho, que a pedra não é senão pedra e que a papaia não é senão papaia.

3 Sóis

Isaac Newton, numa das cartas que envia a Jonh Locke, conta como enquanto jovem, fazendo as suas primeiras experiências ópticas, usou o próprio olho como ensaio científico. No seu quarto, fechando a pálpebra esquerda e espreitando pela janela, testou olhar durante um certo tempo directamente para o sol. Depois, completamente encadeado, observava os objectos do quarto ou ficava simplesmente no escuro, analisando e reflectindo sobre os efeitos de uma *image rémanente* que o cegava e perseguia para onde quer que o seu olhar se direccionasse. Repetindo este ensaio várias vezes, veio a aperceber-se que não só imediatamente a seguir ao exame do sol, mas sempre que desejasse, ou se lembrasse da experiência atrás descrita, esta imagem - a imagem do disco solar - aparecia-lhe no campo de visão como uma memória óptica.

O que é ensaiado no filme *3 Sóis* é uma experiência mental e não uma experiência científica como a de Newton, sendo mais uma hipótese que se coloca nos limites da representação. Na sequência da reminiscência ocular newtoniana, propõe-se criar com este filme um plano subjectivo do próprio olho, como se se pudesse idealizar um deslocamento de retina, pegar nessa imagem do olho cego pelo excesso de luz e levá-la a outras considerações de teor especulativo. Já não nos encontramos no plano da fabricação das aparências - o olho que observa o mundo, mas na intenção de produzir a imagem da imagem - o processo da própria ideação do que aparece, a forma como a imagem intelectualiza o que está em redor do observador. Esta deslocação obedece a uma certa topografia encefálica, trata-se de um movimento que parte do olho mas que se precipita num recuo em direcção ao cérebro até este ser uma outra imagem que se projecta na parede interna do crânio. Este procedimento transforma o globo ocular numa câmara ou numa caverna, sendo que os três sois para lá da "janela" (o exterior) relevam da noção de ablepsia (cegueira) - uma visão em túnel em tudo semelhante ao que se passa na Alegoria da Caverna, quando o homem deslumbrado pelo sol não consegue discernir a luz do verdadeiro. Esta imagem assim concatenada estaria antes a ver a própria visão; a transparência retiniana enquanto

estrutura do visível na medida em que fosse possível suspender a decisão entre essas várias imagens do sol: a realmente vista, a imagem sincronizada com o mundo, e as outras gravadas, relativas a experiências passadas de cegueira.

Na suspensão da visibilidade somos confrontado por um *trilema*, três hipóteses igualmente decepcionantes para a resolução do problema colocado pelo filme, a irrealidade do visual enquanto verídico - uma imagem-sonho solipsista de três vias insuspeitas do que não-está-lá-fora.

Os termos deste *trilema* são os seguintes:

1. Ou afirmamos que uma das imagens do sol é verdadeira e as outras são produzidas pela cegueira (princípio axiomático);
2. Ou então, afirmamos que todos os sóis são memórias passadas de uma visão sobre-exposta, por conseguinte, não existe um sol real na imagem, o mesmo sendo verdade para todos os outros sóis infinitos vistos a partir da caverna na tentativa de reconstituir um sol original (regressão infinita);
3. Ou ainda, que todas as imagens do sol são verdadeiras exclusivamente no seu tempo próprio (argumento circulatório).

Experiências mentais como esta contemplam a existência de uma concepção fantasma ou de uma ordem fantasmática. Tal como acontece com a suposição do demónio de Maxwell*, temos que primeiro chegar à ideia de um sujeito que tolere a experiência do paradoxo para de seguida podermos considerar as hipóteses ambivalentes que resultam da abstracção da realidade. Este processo, que poderia vagamente ser chamado concepção, é por natureza um arranjo fora da ordem normal das coisas. Aqui, o conjunto regular de leis que alinham com os fenómenos factuais são dobrados para formar e conceptualizar um mundo sósia, mundo esse que se relaciona com o mundo original de forma hermenêutica - ele é projectado para revelar quão enganosamente verdadeiro é o processo de representação. A importância destes inquéritos apontam para uma iniciativa particularmente extraterrestre: o

pensamento é anunciado ilógico em relação à experiência real do mundo. A mente concentra-se não na precisão do que está aí no mundo, mas nas suas condições de representação, contando apenas com suas exceções (o irrepresentável) para oferecer fundamento ao infundado ou àquilo que não tem resposta.

** "Se concebermos um ser cujas faculdades são tão aguçadas que ele consegue acompanhar cada molécula em seu curso, esse ser, cujos atributos são ainda essencialmente tão finitos quanto os nossos, seria capaz de fazer o que atualmente nos é impossível fazer. Vimos que as moléculas em um recipiente cheio de ar, a uma temperatura uniforme, movem-se com velocidades que não são de modo algum uniformes. Suponhamos agora que tal recipiente é separado em duas porções, A e B, por meio de uma divisória na qual há um pequeno orifício, e que um ser, que pode ver as moléculas individuais, abre e fecha este orifício, de forma a permitir que somente as moléculas mais rápidas passem de A para B, e somente as mais lentas passem de B para A. Ele irá portanto, sem nenhum trabalho, elevar a temperatura de B e baixar a de A, contradizendo a 2ª lei da termodinâmica."*

Poliedro de frutas

1. Se conforme foi dito atrás por outras palavras, “o mundo está em cima de uma mesa e não por baixo dela”, então em que raio de lugar no mundo está a mesa? Diderot refere-se assim ao mesmo quebra-cabeças: “Perguntai a um Indiano porque é que o mundo permanece suspenso no ar e responder-vos-á que é carregado no dorso de um elefante branco. Se perguntarmos a seguir a um Chinês em que é que o elefante está apoiado, ele dirá: numa tartaruga; e a tartaruga quem a sustentará?...” Outra tartaruga e por aí fora... Segue-se uma outra questão, quem sabe até talvez mais pertinente: então e isso que está em cima da mesa? Será que pertence ao mundo ou, pelo contrário, é apenas mais mobiliário? O que é o mundo na sua verdadeira acepção? Uma sequência de representações infinitas ou, independentemente de qualquer analogia, algo irracional: tartarugas até lá abaixo, tartarugas até lá em cima, nós no meio?

2. O geómetra é muitas vezes confrontado com esta indecisão sobre o objecto do seu trabalho: ele não sabe se as formas do espírito se inscrevem no mundo ou se pairam na alma. Na *De divina proportione* de Luca Pacioli lê-se: “...é que assim como Deus, propriamente, não se pode definir, nem por nós pode ser entendido por palavras, da mesma maneira, esta nossa proporção (o rectângulo de ouro) não pode ser determinada por número inteligível, nem ser expressa por quantidade racional, sendo sempre oculta e secreta e, pelos matemáticos, chamada irracional”.

Ver *Retrato de Luca Pacioli* (atribuído a Jacopo de'Barbari) e reparar no enigmático *rombicuboctaedro* de vidro que se encontra meio cheio de uma essência líquida translúcida.

3. *Adynaton*, ou no plural *Adynata* é a figura de estilo que faz uso da hipérbole de modo a explicar a impossibilidade de certas ocorrências, por exemplo: tal só acontecerá “quando às galinhas crescerem dentes”, ou então, “não antes do inferno congelar” e ainda, “se a fruta tiver asas”. Mas se pensarmos no argumento de David Hume contra a ideia de

causa-efeito - *“That the sun will not rise tomorrow is no less intelligible a proposition, and implies no more contradiction, than the affirmation, that it will rise”* - somos forçados a concluir que tudo ainda é possível, o que torna *adynaton* não uma impossibilidade, mas somente um facto contestado.

“I will sooner have a beard grow in the palm of my hand than he shall get one on his cheek.” (Shakespeare)

﴿ Pote mais pequeno que pote ﴾

René Lavand é um ilusionista argentino reformado que perdeu um braço aos nove anos de idade num trágico acidente de automóvel. Todavia, o grau de prestidigitação da mão esquerda permitiu-lhe fazer ilusões de uma destreza incomparáveis. Durante os espectáculos repetia: “Vejam com atenção. Não se pode fazer mais lento!”. Ele foi sempre comparado à figura de Jorge Luis Borges pois durante as apresentações constantemente fazia referências à literatura e à poesia. Nas suas rotinas mágicas apresentava frequentemente aquele que ficou conhecido pelo “truque de Li Bai” ou a ilusão das três migalhas de pão. Em cima da mesa tinha uma chávena de café e três bolas do tamanho de uma ervilha feitas com o miolo de pão. Lavand, sentado, mostrava então a chávena vazia ao público e depois de uma breve introdução, dizia o poema do chinês Li Bai:

*Pego numa garrafa de vinho e vou bebê-la entre as flores,
(e com a sua única mão, punha uma migalha na chávena)
e sempre somos três, contando a minha sombra e a lua minha amiga;
(e colocava outra migalha)
quando canto a lua escuta-me,
quando danço a minha sombra dança comigo,
(pegava na terceira migalha e invariavelmente atirava-a para o público ou punha-a no bolso)
terminada a festa os convidados precisam de ir para casa, desconheço
essa tristeza, quando vou para casa sempre somos três, acompanha-me
a lua e segue-me a sombra*

Então, chegando ao fim do poema, entornava a chávena e saíam três migalhas - o mesmo número de bocados de pão que originalmente estava em cima da mesa. Depois repetia o poema fazendo novamente o truque, desta vez ia dizendo: “Vejam com atenção. Não se pode fazer mais lento!”

Probóscide

Devemos alertar o leitor que, ao chegar a este trabalho, não tardará a perceber que se encontra na ponta mole de um apêndice expositivo, mais ou menos frouxo, ao mesmo tempo aquém e além de qualquer representação: a probóscide basculante pré-figurativa, acéfala e sem corpo, qual rabo de lagartixa, de um faminto elefante. Mais uma vez não está claro que assim seja, porque a ponta da coisa, apesar de ser um bom indício, não nos mostra a totalidade da figura do macho da savana. Pesa o privilégio de ser especificamente nesta tromba sem dono que o problema de Molyneux (ver pág. 7) goza o fruto das suas mais íntimas preocupações, é aqui sem dúvida que a alteridade do problema se inscreve numa teoria *invisible*.

Parábola dos cegos e do elefante: a seis cegos de nascença foi dado a conhecer um elefante. Quando lhes perguntaram o que era aquilo, o primeiro, apalpando o traseiro e a cauda do animal, declarou tratar-se de uma corda, o segundo cego, que se acercava em torno das patas disse que eram as colunas de um edifício, outro cego falou de uma parede, o quarto anuiu serem enormes leques, outro por seu lado afirmou ser uma flecha e o último cego asseverou que estava perante uma enorme cobra sem dentes.

Cobra, cachimbo, mangueira, tubo de mergulhador, ou ainda seguindo pelas margens da biomecânica terrestre num fluxo de combinações, a fisionomia estranha de um braço, a fisionomia de um braço labial, um nariz com dotes pré-sensíveis, um braço narigudo, um nariz com mãos, ou, acima de tudo, um braço cego, o braço de Molyneux. Isto porque, ao interromper a continuidade anatômica *elephantidae*, estamos a nomear outra coisa extrínseca ao elo que liga o real às suas representações. Eis que a tromba é cúmplice com a hesitação de Molyneux. O problema do cego só pode ser pensado, é irrealizável. Deixar à sorte a tromba sem elefante, o braço cego às apalpadelas, é entrar em filiação metafísica com a distância que o separa das coisas; assim que recupera a visão o cego deixa de ver os seus objectos, as coisas estão perdidas no mundo porque se escondem em sinais encriptados: o globo

e o cubo participam de um limite onde o mesmo e o outro tocam a sua própria interrupção, o irreconhecível. Resta-nos um último problema: o que procura a tromba em cima da mesa? Amendoins, Senhor, são só amendoins.

* 5 filmes, alguns apontamentos:

Textos retirados do seguinte livro no prelo: *Teoria Extraterrestre*, edição trilingue, nós e vários autores, uma parceria Le Plateau, Paris, Museu Marino Marini, Florença e Hangar Bicocca, Milão. Edição Mousse Publishing. Lançamento Maio de 2014, uma antecipação.

Solar, o cego a comer uma papaia

2011

Filme de 16mm, cor, sem som, 2'35''

Produzido pelo Frac Île-de-France/Le Plateau, Paris
em colaboração com Lamu Palm Oil Factory, Quênia

3 Sóis

2009

Filme 16mm, cor, sem som, 0'50''

Representação Oficial Portuguesa na 53ª Bienal de Veneza, DGARTES,
Ministério da Cultura, Portugal.

Poliedro de frutas

2009

Filme 35mm, cor, sem som, 2'42''

Produção: Centro Cultural Inhotim, Minas Gerais, Brasil

Pote mais pequeno que pote

2010

Filme 16mm, cor, sem som, 2'25''

Probóscide

2013

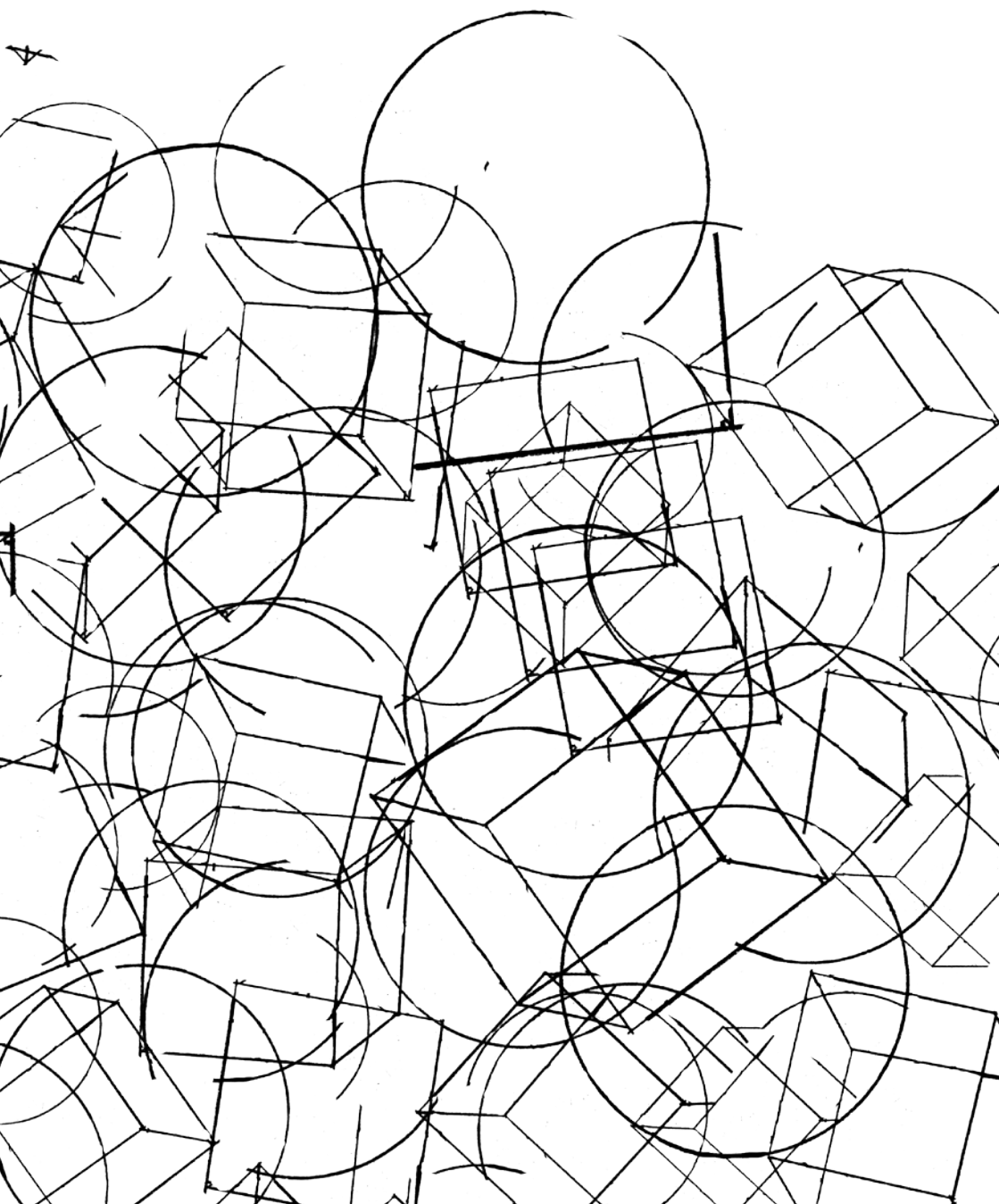
Filme 16mm, cor, sem som, 2'45''

O Problema de Molyneux
João Maria Gusmão e Pedro Paiva

10 de agosto a 14 de setembro, 2013.

Galpão Fortes Vilaça
Rua James Holland, 71 - Barra Funda
São Paulo, Brasil

Textos: João Maria Gusmão e Pedro Paiva
Projeto gráfico: Gabirante Souza





Galpão Fortes Vilaça

Rua James Holland, 71 | Barra Funda | 01138-000 São Paulo Brasil

T +55 11 33923942 | F +11 33925969

www.fortesvilaca.com.br | galeria@fortesvilaca.com.br